

A CAÇA A PARADA

LISBOA, 27 DE JULHO

N.º 20

A PARADA

Realizou-se a festa, não a festa grandiosa e simples que todos os demócratas desejavam, mas a festa theatral e decorativa que a situação ambicionava. O ministério mostrou ao paiz duas coisas: como, por um esforço de vontade, se consegue juntar seis mil homens n'um dado ponto do globo—apenas com uma despeza de cento e tanto contos—e como se pôde explorar uma festa nacional para consolidar um grupo politico.

Dois consequencias se tiram d'esses factos. Viu-se em primeiro lugar o caracter do governo que nos rege, em toda a sua nudez—o amor das apparencias. Em segundo lugar mostrou-se a Portugal o meio mais simples de desmoralisar um exercito, transformando-o n'uma irmandade.

Pelo estado excepcional do paiz, n'esta occasião critica, pelo apparato bellicoso dos festejos de sabbado, pela dispendiosa pompa dos accessorios, a festa não encontrou na alma popular um echo entusiastico. Todos sabem que o paiz está a braços com uma crise ameaçadora, e que, por isso, todo o dispendio que não fôr completamente indispensavel é um crime. Tinhaos uma divida sagrada a pagar ao duque da Terceira? Pois bem! podia-se pagar perfeitamente sem se tornar necessario o transporte de tropas. A guarnição de Lisboa faria a guarda de honra a esse heroe da liberdade, e iria depois fazer a continencia ao monumento de D. Pedro IV, sem que para isso os dinheiros publicos corressem a rodo.

O duque da Terceira, se visse, compartharia d'estas idéas.

O effeito imponente das tropas sobre o povo, não foi aquelle que o ministério desejava. Por entre a indifferença publica, passaram os esquadrões mais ou menos completos, e as baterias mais ou menos incompletas. O enthusiasmo foi nullo. E, por detraz d'esse primeiro plano colorido, scintillante, a galope ou a pé, com as espadas nuas ou embainhadas, o povo tinha deante dos olhos um segundo plano sinistro e atterrador—o da fome nas provincias.

Isto correspondia perfeitamente, no seu effeito desanimador, a um golpe de vento sobre uma chamma, apagando-a. Por isso as festas liberaes foram tristes, e tiveram apenas a animação apparente que tem a procissão do Senhor dos Passos, o cortejo do S. Jorge e outras festividades menos respeitaveis—da patria dos Barros.



CARICATURAS EM PROSA

O sr. Guilhermino do Barros, publica na *Discussão* 12 oitavas sob o título arrotador: *A caça*.

Todas ellas terminam com este estribillo:

À caça, amigos, à caça!
É a mais nobrepaixão.

O sr. Barros bem nos podia fazer um favor: dizer-nos as razões, em virtude das quaes, no seu espirito se formulou a convicção de que a caça é a mais nobre paixão. Não será a pesca igualmente nobre? E a paixão de apanhar



pintasilgos no bebedouro? E apanhar grillos pelo S. João?

A afirmativa parece-nos ousada. Envolve além d'isso uma desconsideração á Inglaterra, que ama sobre todas as coisas a pesca á cana.

Por isso emquanto s. ex.^a não rectificar o estribillo da sua poesia, o publico terá a bondade de o ler do seguinte modo:

Á caça, amigos, á caça!
É a mais nobre paixão...
Não desfazendo na pesca.

**

A quinta oitava, enriquece a lingua portugueza com uma palavra. É uma interjeição. Veja-se:

Ergue a perdiz n'ú instante
Toma o vôo horizontal...
Uma pol'gada adiante
Chap-pf-torrão! no val

Como é onomathopica! A detonação da arma, dá exactamente aquillo. Em primeiro lugar o phosphoro

—Chap—

Depois a polvora, ardendo no ouvido da arma:

—Pf—

Depois o tiro:

—Torrão!

Como tudo isto é espressivo!

Falta-lhe só acrescentar a parte do echo nas

FOLHETIM

ROCAMBOLE EM LISBOA

Romanço posthumo de Ponsou du Terrail

I

AHI VAE O HOMEM!

Vinha rompendo a manhã. A cidade acordava lentamente do seu somno tranquillo, e pelas ruas desertas e calmas começavam a apparecer as pesadas carroças municipaes, rangendo nos seus gonzois arruinados. Transpunham as barreiras as possantes vaccas que abastecem de leite a cidade; grupos de saloios conduziam pela arreata cavallos carregados de hortaliças, e um ou outro vendedor de jornaes cortava a fresca atmospheria matinal com os seus gritos cadenciados. O ar tornava-se de uma transparencia crystalina; a nevoa, nas visinhanças do rio esbatia-se vaporosamente e o sol, banhando os ultimos andares das casas, não permittia que se duvidasse um momento de que a aurora acabava de raiar.

Em breve, nos arredores da estação do caminho de ferro de Santa Apollonia, o movimento crescia rapidamente. Pesados omnibus despejavam os passageiros á porta da estação; um ou outro trem de praça pulava pela calçada, como um cabrito montez, e parava repentinamente á porta principal da gare; alguns passageiros, a pé, cruzavam o largo, dirigindo-se ao mesmo ponto. O relógio da estação batia seis horas.

Dentro ouvia-se o silvo das locomotivas fazendo manobras, o pesado rodar dos wagons,

montanhas e o ribombar do tiro pelas quebradas, do seguinte modo:

O phosphoro—Chap

A escorva—Pf

A detonação—Torrão!

O primeiro echo—Pum!

O segundo, ao longe—Catrapuz!

Com os elementos do drama do povo, e com os da poesia referida a Academia Real das Sciencias devia escrever uma memoria:

Da influencia do tiro na litteratura portugueza.

Depois essa honrosa corporação poderá recital-a do modo mais espressivo, dando saltos, e, como diz Touche-a-tout, —imitando o som dos tiros por todos os meios que a natureza poz ao seu alcance.

**

Na oitava seguinte o auctor faz justiça a si mesmo:

E depois, quando o trabalho
E o sol «começa» a enfadar
Que prazer sob um carvalho
Ao ir a fome apagar!!

Ah! como são providenciaes, a natureza—
e o fructo do carvalho!



No seu ultimo numero a *Revolução de Setembro*, fallando a respeito do jornal de caricaturas *El mundo có-*

e a constante vibração das campainhas electricas.

Fôra, no espaçoso recinto das bagagens, uma multidão impaciente comprava bilhetes, despachava bahuas o dava entrada nas salas de espera, formando um borborinho confuso.

O rumor dos carros que paravam á porta da estação, a mudança das bagagens de um para outro ponto, o fallar tumultuoso dos passageiros, o som cavo dos bahuas batendo na balança, o surdo borborinho do trafego, as vozes dos empregados, a algaravia dos moços de frete, tudo isso formava um longo rumor, só comparavel á bulha das alfandegas.

Os agentes de policia andavam de um para outro lado, vigiando o movimento, cortando as questões e dando o melhor curso possível áquella caudalosa torrente de homens, mulheres e creanças.

Um observador despreocupado notaria de certo, dentro da estação, áquella hora, o grande numero de agentes de policia, artisticamente espalhados por toda a parte, em numero excessivo, como se fosse esperado um successo extraordinario, a chegada de um príncipe pouco popular ou a de um criminoso importante. No meio, porém, das preoccupações individuais de toda aquella gente, este facto passava tão desapercibido como, para quem tivesse sede, uma gota de ammoniaco n'um copo d'agua.

De repente uma campainha electrica vibrou fortemente; respondeu-lhe fóra um silvo agudo da locomotiva, ouviu-se o rodar subterraneo do trem que chegava, o sacudido resfolar da machina e os apitos dos conductores. Os agentes de policia trocaram um olhar de intelligencia,

mico, dizia que aquelle jornal sabia ter graça sem ser incommodo, e que não fazia como outros que andam sempre a metter a ridiculo as pessoas de que não gostam.

— Com quem será isto? perguntamos nós.

— Será com o *Charivari*?

— Será com o *Punch*?

— Será com o *Trombinoscope*?

— Nada, é com o *Punch* que ainda o anno passado apresentou uma terrivel caricatura, á rainha de Inglaterra. O *Punch* faz muito mal! É pena que elle não tenha conhecimento da *Revolução*, para se emendar.

Mas não ha de ficar sem o devido correctivo! Tenha a *Revolução* a certeza de que lhe vamos enviar o artigo, sem demora. O atrevido! O nosso gosto era dar-lhe uma boa lição. Mas, emfim já que não pôde ser, leve ao menos — para o seu tabaco.

Pouca vergonha!

O dia de sabbado ameaçava ser chuvoso. Ás tres horas da manhã, uma chuva fria e impertinente, dava muito que pensar aos membros do partido regenerador, delirantes pela parada.

Alguem ouviu o seguinte dialogo:

— Muito gostava eu que chovesse!

— Era o diabo! Prejudicava o Fontes, coitado!

— Ora! E está-me parecendo que a providencia me faz a vontade.

— Como assim? Por acaso o padre Eterno tambem está na opposição?

como se dissessem: álerta! e dirigiram a vista para os corredores de onde deviam sair os passageiros.

Chegava um trem e partia outro, ambos do norte e leste. Um d'elles foi-se perdendo ao longe entre os espessos novellos de fumo negro. O outro, passados dez minutos, abria as portas dos wagons e jorrava sobre a gare centenas de passageiros, cobertos de pó, com as roupas machucadas e a pallidez de quem soffreu terriveis insomnias.

N'aquelle supremo momento de egoismo, em que cada um só cuida de si — e das suas mallas, passava sem ser notado, um personagem perfeitamente distincto no meio d'aquella multidão vulgar. Era um individuo alto, moreno, um pouco magro; tinha um olhar vivo e penetrante, uma expressão ousada, um espesso bigode preto, e uma insolente luneta de um só vidro. Envolveria as pernas em custosas pollissas e apresentava uma perfeita toilette de viagem, do melhor gosto, uma toilette parisiense. A camiza de percale fino, ás riscas, a gravata cõr de cinza, o chapéo de seda molle, o amplo casaco de inverno com flocos de lã, a quantidade de pequenas malas, de coiro da Russia e de lona, com aros brillantes de metal, davam-lhe um ar de viajante aristocratico, cheio das preoccupações da elegancia.

Quando o trem parou, ergueu-se, lançando um rapido olhar para fóra. Como se tudo aquillo lhe aborrecesse profundamente, encolheu os hombros e sentou-se de novo, esperando que o caminho estivesse livre.

Nenhum d'estes movimentos passou desapercibido á policia. (Continua)

ACTUALIDADES, por **Bordallo Pinheiro**
DURANTE A PARADA DE 24 DE JULHO E DEPOIS DA PARADA

(Continuação)

Zé povinho embarrilado.



Assiste entusiasmado á parada, mas nota que os soldados, como no theatro, são sempre os mesmos.

A opposição diz-lhe que são pintados; Elle escama-se e..... fica na mesma.

Principal serventia das ambulancias destinadas especialmente á pintura rapida do generalato.

Os generaes parecem uns jovens ascidos, como diz Rosalino Candido. Se não fossem as ambulancias ficariam velhos com a primeira carga..... d'agua.



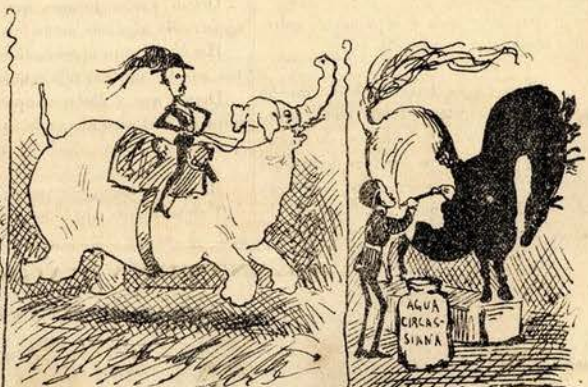
O vice rei de cantão, imperador da China *in partibus*, rei de Sião, etc., montava garbosamente..... um ribeirinho de Poço do Borratem. Já muitissimo lindo, como se pôde ver.



Hospital de sangue.—Depois da parada os generaes eram: uma chaga viva. Lembrar-se-hão com horror do *choto dos ribeirinhos*. Primeira vez que serviram com vantagem as ambulancias.



Os ribeirinhos depois da parada voltam aos antigos misteres, quer dizer, passam de cavallo a burro. Coitados!



Dizem que o monstro em que montava o rei Antonio não era um cysne nem um cavallo, mas sim um elephante branco trazido do fim do mundo pelo rei de Sião e de etc.

Como não é bomto um monarca andar sempre na mesma alimaria o rei Antonio decide pintal-o com os ingredientes do seu uso.
 (Continúa)

SCENAS, por **Bordallo Pinheiro**

Horroso attentado praticado pelos judeus do Bom Jesus do Monte e de Xabregas no Alfageme de Santarem no Theatro do Principe Real em 25 de Julho



D. Nuno Alvares Pereira.

Fernão Vaz (o alfageme).

Froilão.

Mendo o traidor.

Pobre Garret! — Ninguém sabe ao que chegará!!!

Nuno Alvares Pereira — calçava bota de bezerro de sola e vira — Mendo, o *diabo das magicas*, calçava coiro da Russia duas solas e duas viras — tudo por baixo da armadura de panno cru — Declamação, á altura das botas.

É tal o gosto das paradas que o actor director accrescentou o final da peça de Garret com marchas, e contramarchas — fazendo elle alem de Alfageme, de rei Antonio — Agradou muitissimo — é bom ir com o gosto do Povinho.

O Alfageme quando partio a juntar-se a D. Nuno Alvares, em Abrantes, vestio armadura de paninho e poz a *polonaise*, seguido o gosto do publico.

Recommendamos a companhia do Pateo do Tijollo, que tão bem canta os dramas nacionaes, á commissão encarregada de tratar do theatro de D. Maria — seria de grande utilidade para o paiz, para a arte e para o thesouro.

Calixto é um bellissimo rapaz que nós havemos de apresentar ao leitor ao menos uma vez por semana. Tem ditos adoraveis, cheios de espirito, repletos de ingenuidade. Quando elle falla, os que o ouvem estão sempre a rir. Elle lisongeia-se muito com isso, e nem sequer nota, o desgraçado, que elle é tão indispensavel para o effeito dos seus ditos como o era em França a personalidade de Mr. Prud'homme, e entre nós a do conde de Santa Maria.

O anno passado, tendo havido uma grande cheia n'um rio da provincia, Calixto olhava para o alto nivel das aguas e pasmava. Depois, como estivessem alguns barcos amarrados á margem disse:

— Se a agua sobe mais dois palmos... cobre os barcos com toda a certeza!

Quando as tropas desfilavam, ha dias, pôde notar-se um facto muito interessante. Os officaes de engenheiros usam pistolas, e os officaes de artilheria trazem a tiracollo nas *camisas* as cargas das mechas. De modo que, n'um campo de

batalla, quando um engenheiro for atacado pelo inimigo e lhe quizer dar um tiro, dirá:

— V. ex.^a faz-me o favor de esperar um momento enquanto eu mando pedir ao meu amigo Fernandes Costa um cartuxo para esta pistola? Faz-me esse obsequio?

— Por quem é!... dirá o outro. Com mil vontades! Sempre ás ordens...



ECCOS

Dizem varios jornaes que no Porto teem apparecido algumas notas falsas.

Ha dias foram aprehendidas duzentas e tantas moedas de 500 réis igualmente falsas.

Depois que a *Palavra* appareceu com a figura de rhetorica chamada *prosa popela* é o que se vê!...

Mais uma folha, e a vapor. É a *Locomotiva*. Temos diante de nós o prospecto, assim

como tivemos ha um mez o prospecto do *Comboy*.

Anda o carro adiante dos bois! Chega ó *Comboy*, e d'ahi a 30 dias é que se nos depára a *Locomotiva*!

As duas redacções devem fundir-se. A primeira metade do jornal deve ser a *Locomotiva*; a segunda o *Comboy*. Falta ainda um jornal intermediario o *Fourgon*, mas isso é o mesmo.

No prospecto ha o seguinte aviso:

«As columnas d'este periodico, são de boa vontade franqueadas a todos os cavalheiros que, subordinando-se á nossa divisa, nos honrem com os seus escriptos.»

Subordinando-se á sua divisa só conhecemos duas classes: a dos machinistas e a dos fogueiros. D'onde se vê que, para um individuo escrever na nova folha, é preciso fazer previamente um exame tecnico, a ver se está conforme á divisa do jornal.

Nós desejamos que a *Locomotiva* ande a todo o vapor, que tenha ideias avancadas, e que não pare na sua carreira. Para isso, em vez de lhe mandarmos palavras, mandar-lhe-hemos — carvão de pedra. Avante!

A LANTERNA MAGICA, folha diaria

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA

Lisboa, por mez.....	5400 réis	Avulso.....	5020 réis
Provincias, idem.....	5530 "		

Toda a correspondencia relativa á administração, rua do Norte n.º 145, 1.º — Para a redacção á rua do Principe, 23, 1.º — Lisboa.